



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

GABRIELE FIDELIS DOS SANTOS

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE
DA COLEÇÃO *NOVAS PALAVRAS* (2016)**

**MAMANGUAPE-PB
DEZEMBRO DE 2022**

GABRIELE FIDELIS DOS SANTOS

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO *NOVAS PALAVRAS* (2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAUE/UFPB), em cumprimento às exigências para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima

**MAMANGUAPE-PB
DEZEMBRO DE 2022**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237t Santos, Gabriele Fidelis Dos.

O tratamento da variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa: uma análise da coleção novas palavras(2016) / Gabriele Fidelis Dos Santos. - Mamanguape, 2022.

48 f. : il.

Orientação: Fernanda Barboza de Lima.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Ensino de Língua Portuguesa. Variação Linguística. I. Lima, Fernanda Barboza de. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 81

GABRIELE FIDELIS DOS SANTOS

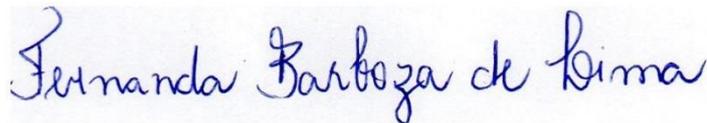
**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA
COLEÇÃO NOVAS PALAVRAS (2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Barboza de Lima

Aprovado em 9 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Fernanda Barboza de Lima
(Orientadora – UFPB/DL)

Documento assinado digitalmente



FABIO PESSOA DA SILVA
Data: 13/12/2022 18:50:04-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Fábio Pessoa da Silva
(Examinador 1 – UFPB/DL)



Prof^a Dr^a Elaine Reis Laureano
(Examinadora 2 – UFPB/DL)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo, me fortalecendo nos piores momentos, me dando forças para continuar e me capacitando em sabedoria. Dedico a minha mãe, Rizelda Fidelis, meu exemplo de mulher guerreira e batalhadora, sempre me incentivando e me mostrando o caminho que deveria seguir. Dedico a meu irmão, Douglas Fidelis (em memorian), por toda amizade e companheirismo. Dedico aos meus irmãos, familiares e amigos que sempre torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar comigo nos meus piores momentos, me fortalecendo todas as vezes que pensei em desistir, quando eu pensava ser incapaz me mostrou que sempre esteve comigo, me dando a sabedoria necessária para enfrentar todos os obstáculos. Obrigada, meu amado!

Agradeço a Rizelda Fidelis, minha mainha, meu maior tesouro, a razão pela qual eu sigo em frente em busca de um futuro melhor. Agradeço a esta mulher de garra, por sempre me ensinar a ser forte e corajosa, sempre me incentivando a ser independente e buscar o melhor da vida. Eu te amo, mãe!

Agradeço a Maria das Nevez, minha voinha, minha rainha, por todo colo, por todo abraço e principalmente por ela (analfabeta) me incentivar a estudar e mostrar o valor que a vida tem. Sempre acreditou em mim, me impulsinando a ser uma “mulher estudada”. Gratidão, meu amor! Te amo, dona Maria!

Agradeço a Douglas Bernardo, meu namorado, meu amigo e confidente, por sempre estar comigo, me ouvindo e me impulsionando a prosseguir. Obrigada por acreditar em mim, por me incentivar e enxergar o potencial que você enxerga em mim. Eu te amo!

Agradeço a Vaneide Luna, uma grande amiga que o curso me presenteou, que sempre acreditou em mim (principalmente quando eu não acreditava). Que Deus abençoe sempre o teu caminho. Obrigada por todo o amor, carinho e incentivo. Gratidão! Amo você!

Agradeço a Ednalvo Genuíno e Gilssep, por terem sido meus caronas nos momentos mais cruciais do curso, quando pensei que não teria como continuar pela falta de transporte. Para além disso, agradeço por cada conselho e cada conversa jogada fora nas horas do café na cantina da universidade.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos do curso, por terem compartilhado comigo este momento único.

Agradeço as minhas tias, primos e todos os familiares por estarem sempre comigo.

Agradeço a Gisele Alves, Edgleison Fernandes, Ataíde Felix, Jessica Alcantara e a todos os amigos que estiveram comigo nesta caminhada, me ouvindo, me aconselhando e dizendo que eu seria capaz de chegar até o fim. Amo todos vocês. Obrigada!

Agradeço em especial a Professora e Doutora Fernanda Barboza, por ter sido uma mãe para mim, por ter sido tão paciente e ter me ajudado tanto na elaboração deste trabalho. Professora, sem a senhora nada disso seria possível. Para além do meu muito obrigada, queria deixar registrado todo o meu carinho e admiração que tenho por você.

Agradeço aos membros da minha banca de defesa, professores Fábio Pessoa e Elaine Reis, por aceitarem ler e contribuir com esse trabalho.

Agradeço aos meus (minhas) Psicólogos(as) por terem me ajudado a entender as minhas limitações, e terem me ajudado a desenvolver este trabalho.

Agradeço por fim a Gabriele Fidelis, eu mesma, que mesmo em meio a tantas dores, mesmo em meio a dor de perder um irmão amado recentemente, criou forças e prosseguiu. Gabriele, obrigada pelo seu esforço e dedicação, obrigada por ter sido forte o suficiente, que mesmo em meios às lágrimas e obstáculos chegou ao fim. Parabéns!

*“A função da educação é ensinar a pensar
intensamente e pensar criticamente.
Inteligência mais caráter: esse é o objetivo da
verdadeira educação.”*

Martin Luther King Jr.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como os fenômenos da variação linguística são apresentados nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção Novas Palavras (2016), investigando e refletindo sobre a forma como este conteúdo é trabalhado nestes exemplares, para que por meio deste trabalho, possamos, para além da análise dos livros, direcionar nossos olhares para o ensino da língua. Metodologicamente, esta pesquisa é documental, de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Apesar dos diversos trabalhos nesta seara, este estudo é pertinente na medida em que pensamos contribuir para uma prática educativa que respeite as diferentes “formas de fala” e a promoção do pensamento crítico-reflexivo. Para servir de base para a nossa fundamentação teórica, autores como Cezario e Votre (2012), Preti (2003), Freire (2011), Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2009), e os documentos que regem a educação, como a BNCC (2018) e os PCN (1997) foram imprescindíveis para nossos estudos. Com relação ao corpus de nosso trabalho, foram analisados três (03) livros didáticos de português da coleção Novas Palavras, direcionados aos três anos do ensino médio. Ao fim deste trabalho, concluímos que os livros didáticos analisados, principalmente o primeiro livro, trabalham a questão da variação linguística, embora, ainda, de forma incipiente. O primeiro livro focou a questão da apresentação dos tipos de variação. Os outros dois, porém, só apresentaram a variação de forma pontual, não apresentando grandes aprofundamentos sobre o tema.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Variação Linguística. Livro Didático.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the phenomena of linguistic variation are presented in Portuguese language textbooks from the Novas Palavras collection (2016), investigating and reflecting on the way this content is worked in these copies, so that through this work, we can, in addition to the analysis of books, direct our eyes to language teaching. Methodologically, this research is documental, applied in nature and with a qualitative approach. Despite the various works in this area, this study is relevant insofar as we believe it contributes to an educational practice that respects the different “forms of speech” and the promotion of critical-reflective thinking. To serve as a basis for our theoretical foundation, authors such as Cezario and Votre (2012), Preti (2003), Freire (2011), Faraco (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2009), and the documents that governing education, such as the BNCC (2018) and the PCN (1997) were essential for our studies. Regarding the corpus of our work, three (03) Portuguese textbooks from the Novas Palavras collection, aimed at the three years of high school, were analyzed. At the end of this work, we concluded that the analyzed textbooks, mainly the first book, deal with the issue of linguistic variation, although still in an incipient way. The first book focused on the issue of presenting types of variation. The other two, however, only presented the variation in an occasional way, not presenting great depths on the theme.

Keywords: Portuguese Language Teaching. Linguistic Variation. Textbook.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 BREVE DEBATE SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	14
2.1.1 Fatores condicionadores da variação	15
2.1.2 A pesquisa sociolinguística	17
2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: UM DEBATE SOBRE OS CAMINHOS DA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO.....	18
2.3 A QUESTÃO DA VARIAÇÃO NOS DOCUMENTOS ORIENTADORES E NO LIVRO DIDÁTICO.....	22
2.3.1 PCN de Língua Portuguesa: um olhar para o ensino das variantes linguísticas nas aulas de português	22
2.3.2 A BNCC e a variação linguística: reflexões sobre o ensino	24
2.3.3 A importância do Livro Didático nas aulas de português: um olhar para a abordagem das variações linguísticas	26
3. ANÁLISE DOS DADOS	29
3.1 BREVE APRESENTAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS	29
3.2 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COLEÇÃO <i>NOVAS PALAVRAS (2016)</i> PARA O ENSINO MÉDIO	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
5. REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a língua desempenha um papel muito importante na construção da identidade de um povo. A Língua Portuguesa em seu caráter heterogêneo nos mostra o quão diversificada ela pode ser, o que vai de encontro com a ideia de uniformidade linguística. Discutir a heterogeneidade da língua implica pensar sobre variação linguística, uma vez que esse caráter heterogêneo é apresentado nas diversas formas variantes do idioma, estas por sua vez são condicionadas por diversos aspectos, como os regionais, culturais e sociais, por exemplo.

Ao falarmos da diversidade linguística, não estamos querendo afirmar que a variante padrão da língua não deva ser usada, pelo contrário, nosso intuito é mostrar que é possível utilizar as diferentes formas de uso da linguagem, sem diminuir o devido valor de cada uma delas. O uso de outras variantes não anula a importância da variação culta formal da linguagem, considerada “de prestígio”. De acordo com Preti (2003, p. 55), as variantes “[...] podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, conforme as circunstâncias”. Em outras palavras, o autor afirma que não só é possível utilizar as variantes adequando-as aos contextos comunicativos, como também é importante que se tenha consciência dessas possibilidades.

Embora não tenhamos o preconceito linguístico como foco desta pesquisa, achamos necessário abordá-lo, uma vez que, para os puristas, as diversas formas de linguagem que se distanciam do falar mais culto não costumam ser bem aceitas, e mesmo são vistas como “primitivas”, um pensamento rejeitado pelos sociolinguistas e linguistas de orientações mais contemporâneas. É muito comum ouvirmos pessoas falando “fala direito” ou “é errado falar assim”, este tipo de fala é carregada de preconceito linguístico, e infelizmente estas falas surgem geralmente na escola e se perpetuam na sociedade.

Nosso objetivo geral com esta pesquisa é analisar como os fenômenos da variação linguística são apresentados nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção Novas Palavras (2016). Quanto aos objetivos específicos, pretendemos investigar e refletir sobre a forma como esses fenômenos são trabalhados nestes exemplares, para que por meio deste trabalho, possamos, para além da análise dos livros, direcionar nossos olhares para o ensino da língua.

Com base na temática apresentada e de acordo com os nossos objetivos, nos indagamos: “Como os livros didáticos de português, da coleção Novas Palavras de 2016, destinados às turmas do ensino médio, abordam as variações linguísticas? Trazem uma abordagem apenas descritiva ou promovem um ensino crítico-reflexivo acerca das variantes da língua?”.

Na medida que investigamos e refletimos sobre as práticas pedagógicas e a abordagem da sociolinguística educacional, pensamos contribuir para uma prática educativa mais sensível, que respeita as diversas formas da linguagem e promove o pensamento crítico-reflexivo acerca dos usos de cada variante, o que torna esta pesquisa de natureza aplicada, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 51) a pesquisa aplicada “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”. Da mesma forma, este trabalho, como colocado, soma-se ao debate sobre o preconceito linguístico e como esse preconceito relaciona-se mais aos aspectos sociais que, propriamente, às questões linguísticas que determinam as variações.

A escolha do tema em questão foi motivada por conhecermos, em determinada época do curso, alguns conceitos e debates sobre Sociolinguística Variacional e Educacional. Nessa ocasião, foram abordadas questões sobre variação linguística e os fatores que determinam essas variações, e de como esses estudos influenciaram e influenciam o ensino de Língua Portuguesa. Outro agente motivacional, para além do apreço pela disciplina, foi o desejo de estudar de forma mais aprofundada a Língua Portuguesa, observando mais de perto a prática pedagógica.

Embora outros pesquisadores já tenham se interessado e até estudado sobre as variações linguísticas e a maneira como o livro didático aborda este tema, achamos muito pertinente debatermos um pouco mais sobre esta temática, visto que, muitas vezes, este conteúdo só é abordado nos materiais educacionais para cumprir as exigências do governo. Encontramos em nosso estudos, diálogos a cerca dos usos da língua, conceitos das variações e a importância de respeitar a maneira como cada falante se comunica, entretanto, consideramos uma abordagem mais conceitual e pouco reflexiva. Desse modo, pensamos que a nossa pesquisa possa promover reflexões e contribuir de forma significativa para a prática docente, relacionada aos fenômenos da variação linguística e ao ensino de língua.

Quanto aos procedimentos metodológicos deste trabalho, tomamos como base Prodanov e Freitas (2013) e Gil (2002). Esta pesquisa é documental, uma vez que nos apropriamos de uma coleção de livros didáticos destinados ao ensino médio, para servir como material/corpus de análise do nosso trabalho, pois acreditamos que estes ainda não receberam um tratamento analítico, como orienta os autores mencionados à cima. A natureza aplicada desta pesquisa, se justifica na medida em que, por meio desta, um novo olhar e uma nova reflexão pode ser iniciada em relação a forma como as variações são trabalhadas nesses materiais. Uma vez que somamos nossos estudos a tantos outros que dialogam sobre as variações linguísticas nos livros

didáticos, se explica o caráter qualitativo da pesquisa.

Ao longo deste trabalho debatemos sobre a sociolinguística variacionista, apresentando textos de Cezario e Votre (2012) e Preti (2003), para que pudéssemos ter maior clareza sobre o assunto. Com base nestes mesmos autores, refletimos também sobre os fatores condicionadores da variação linguística. Em uma breve explanação, voltamos nossos olhares para a pesquisa sociolinguística também.

Para que pudéssemos compreender a sociolinguística variacionista e a sua importância no âmbito educacional, trouxemos falas de Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), e Bagno (2009), assim como também refletimos sobre o pensamento de Freire (2011), que discute a necessidade de dar voz aos alunos. A fim de entendermos as exigências do ensino da língua, apresentamos o que a BNCC (2018) e os PCN (1997) dialogam sobre a abordagem variacionista nos livros didáticos. Por fim, à luz de Faraco (2008), comentamos sobre como os fenômenos da variação são geralmente abordados nos livros didáticos (LD). Além da reflexão teórica, apresentamos um capítulo analítico acerca dos livros escolhidos, mostrando de que forma esses materiais abordam as variações linguísticas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE DEBATE SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista, ou teoria da variação, é o ramo da Linguística que estuda a língua como produto de interação social, em outras palavras, a relação entre a língua e a sociedade. A partir da consolidação dessa disciplina, o uso da língua realizado pelos falantes passou a ser fator importante no estudo dos idiomas, uma vez que é na interação comunicativa em que podemos observar o dinamismo linguístico e onde verificamos os fenômenos sociovariacionistas. Cezario e Votre (2012, p. 141), comentando sobre as características da sociolinguística e suas relações com os fatores internos e externos à língua, nos dizem que:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Esta corrente de estudo se volta às questões da variação linguística, um tema aprofundado por William Labov, em meados dos anos 60 do século XX, com a finalidade de discutir a heterogeneidade da língua. A Sociolinguística Variacionista também se interessa pelo preconceito linguístico e pelo estigma social, uma vez que fatores sociais e econômicos costumam determinar o nível de prestígio de um ou de outro registro linguístico. Um dos seus objetivos é, de acordo com Cezario e Votre (2012, p. 141), entender os principais fatores que motivam a variação linguística e qual a relevância de cada fator no quadro que se mostra variável.

A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que a favorecem ou que a inibem (CEZARIO E VOTRE, 2012, p. 141).

Os autores supracitados afirmam que a variação demonstra a adaptação que os falantes fazem ao utilizar a língua como código de comunicação. A língua é vista, para os sociolinguistas, como produto da interação social, é por meio dela que desenvolvemos nossos discursos/enunciados, adaptando-a conforme o contexto e nossas preferências.

As variações linguísticas, por sua vez, podem ser definidas como as diferentes formas de falar a língua de um país, visto que esta é heterogênea. Podemos perceber essas variantes por meio das particularidades que diferenciam dialetos como o paraibano, o pernambucano, o gaúcho, o carioca, o sulista, entre outros. De acordo com os estudos sociolinguísticos, as variações se dão em dois eixos: linguístico e extralinguístico. Relacionado ao eixo linguístico ou estrutural, nós temos variantes de natureza fonético-fonológica, morfossintática, léxico-semântica e discursiva. Com relação ao eixo extralinguístico, nós temos variantes de natureza: geográfica, sociológica e contextual (PRETI, 2003).

2.1.1 Fatores condicionadores da variação

As variações linguísticas são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. A respeito das variações no âmbito extralinguístico da língua, se dividem, de acordo com Preti (2003, p. 19) em dois grandes grupos: variedades síncronas e variedades diacrônicas. As variedades síncronas são aquelas que podem ser observadas em um mesmo plano temporal, “cronologicamente simultâneas”, que estão ligadas aos fatores socioculturais (família, classe social, padrão cultural, atividades culturais), geográficos (dialetos, ou falares próprios de influências regionais – cidade, vila ou aldeia) e estilísticos que ocorrem quando um mesmo sujeito adequa sua fala, de acordo com as especificidades cabíveis ao contexto. Preti (2003, p. 19) descreve as variedades diacrônicas como aquelas “dispostas em vários planos de uma só tradição histórica.”

Ainda segundo Preti (2003, p. 24), as variedades geográficas ou diatópicas “são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais”, em outras palavras, é a forma em que um grupo de falantes se apropria da língua, a exemplo: paraibano, carioca, pernambucano, gaúcho, entre outras. Vale ressaltar que as variações geográficas também se conduzem opostamente linguagem urbana/linguagem rural. A linguagem urbana se aproxima mais da linguagem comum, que se dá pela influência da literatura, escola e meios de comunicação de massa. A linguagem rural é considerada por esse autor, como: isolada e conservadora.

As variedades socioculturais ou diastráticas, de acordo com Preti (2003, p. 25), ocorrem em um plano vertical, no interior de uma sociedade específica (urbana e rural). Estas variações podem sofrer interferência relacionadas ao falante (ao grupo a que pertence), a situação ou a ambos sincronicamente. É dentro das variações socioculturais que podemos encontrar fatores

como: idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade e local em que reside.

Preti (2003, p. 37) também aborda as questões relacionadas às variedades devidas à situação, focalizando o *uso* que um mesmo falante faz da língua e de suas variantes, em detrimento da situação. Esta variação também é conhecida como “estilística”, pois, de acordo com o ambiente físico em que o diálogo pode ocorrer, o falante pode utilizar uma linguagem mais formal, fora dos seus hábitos linguísticos normais. Podemos citar um exemplo de linguagem estilística: um advogado em seu ambiente de trabalho recorre a um jargão próprio da sua área de atuação, uma linguagem mais técnica. Contudo, ele não usa esta mesma linguagem na igreja, grupo de amigos (de outras profissões) ou até mesmo com seus familiares, pois, correria o risco de não ser compreendido. A respeito dos fatores chamados situacionais, Preti (2003, p. 37) comenta:

Os chamados fatores situacionais não dizem respeito diretamente ao falante, mas apenas às circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, e também as relações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo. A propósito do grau de intimidade entre os falantes, fator importante na análise das variações de linguagem.

Acreditamos que as variantes não estão necessariamente ligadas ao não conhecimento da língua, pois até mesmo as pessoas que foram escolarizadas e possuem grande conhecimento da norma culta, ainda assim, pelo contato e influência da língua popular/informal, acabam usando-a com mais frequência e se distanciam da normatividade da língua em situações informais. A respeito disso, Cezario e Votre (2012, p. 142) afirmam que “uma das contribuições da pesquisa sócio linguística foi a constatação de que muitas formas não padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente nos momentos mais informais”.

O fato das variantes fugirem da normatividade linguística e se aproximarem da linguagem popular é facilmente julgada como errada, tanto por alguns estudiosos da língua (digo, os puristas) que acreditam na homogeneidade da língua, quanto para pessoas não tão letradas acerca das variações presentes na língua. Não nos cabe julgarmos ou apontarmos de onde surgiu o preconceito linguístico (não abordaremos este assunto), mas acreditamos que a escola/professor tem um papel importante neste processo, uma vez que, em alguns casos, os próprios docentes apontam as variantes como desvio da língua padrão, sem ao menos abordar o conteúdo com maior relevância.

2.1.2 A pesquisa sociolinguística

De acordo com Cezario e Votre (2012, p. 142), por meio das pesquisas da sociolinguística, é possível identificarmos não apenas o fato de uma pessoa com nível superior fazer uso da linguagem não padrão em contextos mais informais, mas também, graças à metodologia abordada pela sociolinguística, é possível contabilizar a ocorrência de usos que os falantes fazem de uma variante, sobretudo, é possível prever as principais tendências de uso desta variante.

Podemos perceber por meio dos estudos sociolinguísticos que, tanto pessoas com baixo nível escolar quanto universitários, por exemplo, podem suprimir em sua fala o uso da concordância, embora com uma frequência diferenciada. No que diz respeito à relação entre uso padrão e não padrão e níveis de escolaridade, os autores explicam:

As pessoas analfabetas têm tendência a marcar o número plural apenas no primeiro elemento do sujeito, deixando o substantivo e, sobretudo, o verbo sem marcas. Já as pessoas mais instruídas têm tendência alta de expressar o plural no núcleo dos sujeitos, nos determinantes e no verbo (que, assim, concorda com o sujeito em número e pessoas. Mas isso não significa que é a forma padrão não ocorra na fala não culta; também não significa que a forma não padrão não apareça na classe dos universitários. Entretanto, as probabilidades de ocorrência num e noutro grupo são distintas irrelevantes (CEZARIO E VOTRE, 2012, p. 143).

Para Cezario e Votre (2012, p. 146) “a língua é uma estrutura maleável”, o que implica dizer que ela sofre mutações, o que possibilita as variações. Contudo, estes autores afirmam que nem tudo é variação, existem vários elementos comuns que são estáveis. Podemos entender variação, segundo os autores supracitados, como um conjunto de elementos distintos de outros, um conjunto de fenômenos linguísticos que faz parte de um grupo, localidade ou contexto.

Tarallo (1985), discutindo sobre a pesquisa sociolinguística, lembra que, para atingir os objetivos metodológicos da pesquisa que tem por base a Sociolinguística, é importante pensar em alguns pontos. Primeiro, é salutar que o pesquisador saiba quais são as variantes que ele deseja analisar, determinando, assim, quais formas linguísticas estão em variação. Segundo, traçar quais variações estão em concorrência: quais são as variantes padrão, de prestígio e quais são as não-padrão, estigmatizadas.

Mas, como saber quais são as variações padrão e não-padrão? Para Tarallo (1985), é importante que o pesquisador tenha método para coletar os dados de sua pesquisa. Esses dados devem vir da comunicação espontânea, ou seja, o pesquisador sociolinguista busca, em diálogos

informais, naturais, cotidianos, o seu “fato” sociolinguístico. Para inserir-se em diálogos informais, Tarallo (1985) sugere formular módulos ou roteiros de perguntas. Uma espécie de questionário com perguntas que façam o entrevistado desprender-se da forma do relato, esquecer que está sendo gravado por um gravador e conversar sobre temas, como: vida em família, brincadeiras de infância, casamento, vida profissional, religião, histórias com amigos, dentre muitas outras possibilidades.

Outro aspecto essencial é a escolha da comunidade de fala. Essa escolha vai se relacionar com a natureza da pesquisa e isso conduzirá o pesquisador a escolher entre comunidades urbanas ou rurais, pequenas ou grandes, industrializadas ou não. Com relação às células sociais, o autor também recomenda que a população de informantes deve abarcar grupos socioeconômicos, de idades e sexo diferenciados. Tarallo (1985, p. 20) ainda comenta que a pesquisa sociolinguística contempla um agente dificultador, que ele chama *paradoxo do observador*. Segundo o autor, a “mina de ouro” do pesquisador sociolinguista é a fala espontânea, o diálogo relaxado e desprendido, mas isso é difícil de conseguir, quando se chega com gravador a punho, revelando tratar-se de uma pesquisa científica. Por isso, conforme orienta, deve o pesquisador inserir-se na comunidade de pesquisa, e encontrar os momentos certos para a coleta de dados, aproveitando os períodos de esquecimento do entrevistado, em que ele se “solta” e fornece os melhores materiais de pesquisa.

2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: UM DEBATE SOBRE OS CAMINHOS DA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO

A escola deveria ser não apenas o lugar de construção do conhecimento, mas também um ambiente que promove o diálogo, o debate e a reflexão, contudo, será que o âmbito escolar está ajudando na construção do conhecimento ou está apenas perpetuando alguns preconceitos em relação ao “uso correto” da língua? Às vezes, o autoritarismo e o ‘poder’ que o professor possui em sala de aula acabam silenciando a voz do alunado, que muitas vezes se intimida em expressar suas verdadeiras opiniões por meio das práticas de oralidade e escrita vivenciadas nas aulas de português.

O ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla, o educador da língua não é o único com conhecimento da linguagem, pois todo falante da sua língua materna tem ciência do que fala. No entanto, compete ao professor da língua portuguesa aferir o grau de letramento de seus estudantes, e construir junto com eles novas percepções linguísticas, não reforçando a ideia do

“certo” ou “errado”, mas incentivando as reflexões acerca das variantes. É preciso ter a compreensão que toda forma de comunicação/linguagem é possível, entretanto, as variedades linguísticas se adequam ao contexto.

De acordo Freire (2011), é necessário dar voz aos alunos e assim “[...] captar a linguagem deles e, necessariamente, seus temas, que vêm através de suas palavras e de sua sintaxe [...] exatamente porque a linguagem é um problema de classe social”. (FREIRE, 2011; p. 245). Então, seguindo o raciocínio deste autor, o aluno não fala só por ele, mas ele reflete o caráter social que ele está inserido.

Apesar de já existir diversos debates e reflexões acerca das variedades da língua, ainda é muito comum encontrarmos professores corrigindo os alunos de forma intimidadora, mostrando a única maneira “correta” de se falar (de acordo com a gramática normativa), fazendo com que estes utilizem a norma culta padrão, sem abrir espaço para conhecimento e reflexões sobre as variantes da língua. O livro didático, material tanto utilizado pelos professores, assim como também pelos alunos, muitas vezes, incentiva a política do “correto” e ‘incorreto”, até mesmo quando aborda as variantes.

Para Faraco (2008), nesse sentido, os professores devem desenvolver uma pedagogia da variação linguística, a partir do reconhecimento de que a maneira que os falantes usam a sua própria língua materna não é errada. É preciso que se desconstruam esses pensamentos equivocados do “erro” da linguagem principalmente no espaço escolar. A ideia do erro deve ser substituída, como bem coloca Bortoni-Ricardo (2005), pela ideia da adequação linguística, ou seja, pela compreensão que, ao manifestar-se pela linguagem, o indivíduo já demonstra que conhece a gramática de sua língua. Contudo, situações discursivas variadas exigirão desse falante formas diferentes de se colocar pela linguagem. O aluno, nessa perspectiva, deve saber transitar pelos espaços do dizer, adequando-se linguisticamente com mais formalidade ou menos formalidade, a depender das exigências linguísticas impostas.

Bagno (2009, p. 19), discutindo sobre as origens do pensamento cristalizado na escola de que só existe uma forma correta de se comunicar e que, por isso, a norma padrão precisa ser preservada e defendida contra as mudanças linguísticas e as variações, afirma que:

[...] a escola, durante muito tempo (e em grande medida, até hoje), além de ensinar as pessoas a ler e a escrever, também ensinava (ensina) um conjunto de noções falaciosas sobre língua e linguagem. No caso brasileiro, algumas dessas ideias são: “os brasileiros falamos o português, estropiam a língua de Camões, que só os portugueses sabem falar direito, porque são os donos da língua”; “o português é uma das línguas mais difíceis do mundo”; “só se pode admitir como certo o uso dos grandes escritores e das pessoas letradas”; “a

língua escrita é a forma certa da língua, porque tem lógica, enquanto, enquanto a língua falada é caótica e desregrada”; “o que não está nas gramáticas nem nos dicionários não existe, não é português”; “as pessoas sem instrução, das classes pobres urbanas ou da zona rural, cometem muitos erros ao falar a língua”; “os jovens só usam gíria e tem um vocabulário pobre “ etc”. (BAGNO,2009; p. 19).

Como podemos perceber, o autor faz uma forte crítica à escola, pois ao contrário do que deveria ser, por vezes, é um lugar ainda repleto de puristas, que acabam promovendo o preconceito linguístico/social, muitas vezes, por eles próprios, os professores, terem em sua formação uma ideia simplista e superficial do que é a língua. Assim, acabam por disseminar esses pensamentos equivocados e repletos de preconceito.

A língua é uma ferramenta de “poder”. Por meio dela, é possível demonstrar nossos interesses, objeções, afirmações e negações. Contudo, a língua também pode ser instrumento de opressão, dependendo de quem a utiliza e como utiliza. Sabemos que a classe dominante, por ter um alto nível de letramento, por vezes, quer impor sua maneira de falar para toda a sociedade, como se a sua norma, seja falada ou escrita, fosse a única correta. O livro didático, nesse sentido, pode ser um meio de difusão das normas da classe dominante, uma forma de fazer essa norma ser disseminada como única possível.

Em relação à “classe dominante”, Bagno (2009, p. 20) a classifica como pertencente aos núcleos urbanos, que detém maior poder aquisitivo e que, por isso, também frequenta boas escolas e tem mais tempo de escolaridade.

Em todas as sociedades, existe sempre um grupo de pessoas, uma classe social ou uma comunidade local específica, que acredita que o seu modo particular de falar a língua é o mais correto, o mais bonito, o mais elegante e, por isso, deve ser o modelo que as outras classes e comunidades precisam imitar. Em geral, são os moradores das regiões economicamente mais ricas, os habitantes de alto poder aquisitivo dos grandes centros urbanos, os cidadãos com acesso aos melhores meios de escolarização - enfim, aquilo que nas ciências sociais se chama de *classes dominantes*.

Fica claro por meio desta reflexão apresentada pelo linguista que, ao falar das variantes da língua, não estamos falando apenas sobre elas, mas também das diferenças de classes e como os falantes de cada comunidade linguística se apropria dela para se comunicar. Os grupos de falantes mais privilegiados, este com alto poder aquisitivo, que tiveram acesso a um ensino privilegiado, criticam negativamente a forma como os falantes de classes menos favorecidas utilizam a língua. Assim, surge o questionamento: “o problema é linguístico ou social?”, de certo que uma coisa está associada a outra e temos muito o que refletir.

É na sala de aula que podemos dar voz ou calar um aluno. É na sala de aula que podemos promover a reflexão do “certo ou errado”, é na sala de aula que podemos abrir espaço para o conhecimento das variações linguísticas, e apesar de querermos que a escola, como um todo, contribua ativamente neste processo de aprendizado sociolinguístico, cabe ao professor de português tais atribuições. No fim, deve ser ele o principal responsável pelos debates, reflexões e críticas sobre as diversas formas de linguagem e sobre os usos conscientes da linguagem.

Para que o ensino de língua portuguesa contemple a heterogeneidade linguística, é preciso ter uma certa sensibilidade e um olhar crítico reflexivo para a realidade dos alunos. Uma maneira de se trabalhar este conteúdo seria por meio de projetos de leitura, escrita e oralidade, nos quais os alunos poderiam escrever algo sobre eles, ou sobre o lugar onde eles moram, utilizando a sua linguagem cotidiana, feito isso, o professor poderia analisar e promover a reflexão das variantes usadas e a forma padrão da língua, para que desse modo, ficasse claro que não existe “erro” ou “acerto”, mas que existem variantes próprias para cada contexto de comunicação. A fala de um determinado indivíduo representa não apenas sua fala, mas também a fala de toda uma comunidade que ele está inserido (igreja, escola, trabalho, comunidade, etc.).

Bortoni-Ricardo (2005, p. 14), ao refletir sobre o papel da escola na reprodução da cultura das classes dominantes, constata que:

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização linguística.

Como pudemos perceber, existe de fato uma desigualdade social que afeta o ensino da língua, pois apesar de todos os esforços para que obtenhamos uma concepção pluralista sobre a língua, ainda temos diversas práticas conservadoras que impedem a democratização de seu ensino. Por outro lado, a escola, de certo modo, é tanto cobrada quanto cobra um ensino padronizado, no qual a língua deve ser vista como homogênea. Apesar de ser papel do professor de língua portuguesa o entendimento de que a língua é heterogênea e está em constante estado de evolução, os demais professores também necessitam compreender isso.

2.3 A QUESTÃO DA VARIAÇÃO NOS DOCUMENTOS ORIENTADORES E NO LIVRO DIDÁTICO

Para esclarecer as propostas apresentadas pelos documentos orientadores da educação, no tocante ao ensino de língua voltadas para as variações linguísticas, apresentaremos, nesse tópico, o que os PCN (1997) e a BNCC (2018) orientam sobre a forma de se trabalhar a temática. Também discutiremos sobre o livro didático, sua importância para o ensino de língua, assim como dialogaremos sobre como este documento é utilizado por professores e alunos.

2.3.1 PCN de Língua Portuguesa: um olhar para o ensino das variantes linguísticas nas aulas de português

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, mais conhecidos como PCN, são um conjunto de documentos que tem a finalidade de nortear e facilitar a vida do professor em sua prática docente, de modo que assegure os direitos dos alunos a exercerem sua autonomia dentro e fora da sala de aula. “Os Parâmetros Curriculares Nacionais auxiliam o professor na tarefa de reflexão e discussão de aspectos do cotidiano da prática pedagógica, a serem transformados continuamente pelo professor”. (BRASIL, 1997, p. 7).

Esta coleção de arquivos que norteia diversas áreas da educação também serve como uma ferramenta de “fiscalização” dos investimentos na educação. É uma maneira de obter-se a garantia de um ensino de qualidade para todos, e por mais que seja um documento que auxilie a elaboração do currículo escolar, não exclui a independência do docente de exercer o seu papel em sala de aula.

Os PCN constituem um referencial de qualidade para a educação no ensino fundamental em todo o país. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (BRASIL, 1997, p. 13).

Nosso interesse ao analisarmos os parâmetros é aferir de que forma o ensino de língua portuguesa, mas propriamente o ensino das variações linguísticas está sendo abordado neste documento, pois se trata de um registro muito importante para a educação, que não só facilita a prática pedagógica, mas também assegura que tanto o aluno quanto o professor desempenhe com liberdade suas atribuições ativas no processo de ensino-aprendizagem.

Em um sub-capítulo dos PCN para área de Língua Portuguesa, intitulado “Que fala cabe à escola ensinar” (BRASIL. 1997; P.26), o documento afirma que, no Brasil, existem diversas variedades dialetais, referindo-se às variações linguísticas; e que é possível identificar socialmente e geograficamente as pessoas pela maneira como falam, além de pontuar que algumas variantes são tomadas como de menor prestígio, sendo consideradas inferiores e até mesmo incorretas.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BRASIL. 1997; P. 26)

Um ponto que achamos bastante interessante é a crítica ao preconceito linguístico (que já afirmamos se tratar também de um preconceito social), e a forma como as aulas de português estão alicerçadas no mito de que existe um modo ‘correto’ de falar, além de acreditar que a escrita provém da fala do aluno e que é necessário corrigir este ‘erro’ que está em sua elocução.

Os PCN incentivam um ensino linguístico no qual o aluno tenha consciência da adequação, no qual ele tenha o entendimento de que existem formas variadas de falar, e que sua fala precisa dialogar com o contexto comunicativo. Para tanto, é de extrema importância a presença do professor na elaboração de atividades nas quais o educando possa praticar [...] “a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc” (BRASIL,1997, p. 26).

Como pudemos observar, os parâmetros abordam uma prática docente muito autêntica e libertadora, que além de nortear o ensino e facilitar muito o trabalho do professor, é contra o ensino purista da língua, pois promove o ensino da adequação da linguagem, no qual tanto o aluno quanto o professor precisam entender que a língua é dinâmica e heterogênea e que por meio dela, podemos nos comunicar de diversas formas possíveis, adequando a nossa fala ao nível mais formal ou informal, a depender de para quem a fala se dirige.

2.3.2 A BNCC e a variação linguística: reflexões sobre o ensino

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento mais recente da educação, de caráter normativo. É por meio dele que os professores devem planejar suas aulas, com o intuito de seguir as habilidades e competências específicas de cada disciplina e conteúdo abordado. É este material que possibilita um ensino “padronizado” em todo o Brasil, desde o ano de 2015, garantindo que todos os alunos da educação básica tenham o direito de desenvolver conhecimentos essenciais de aprendizagem. É importante que fique claro que a base não dita o ensino, mas orienta de modo que possa facilitar a elaboração do currículo escolar (BRASIL, 2018).

A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p.7)

Desse modo, achamos imprescindível analisarmos a BNCC e a forma como ela aborda a variação linguística, para que por meio desta observação, possamos refletir sobre como as variantes da língua deveriam ser trabalhadas em sala de aula, pois, por mais que saibamos que existe este registro que normatiza o ensino, muitos professores ainda estão presos ao ensino tradicional da linguagem.

Ao contrário do que talvez muitos pensem, a abordagem da variação linguística deve aparecer logo nos anos iniciais do Ensino Fundamental II, entre o terceiro e o quinto ano. De modo que facilite a compreensão desde cedo sobre a heterogeneidade da língua, a BNCC apresenta a habilidade (EF35LP11), que nos informa sobre modos de trabalhar a temática:

Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p.113)

Para diversificar o ensino-aprendizagem nas aulas de português, o documento sugere formas variadas de trabalhar a variação linguística, de maneira que seja possível usar textos orais de diversas formas: músicas, gravações, poemas, cordéis, dentre outros recursos que possam possibilitar a compreensão do aluno sobre o caráter multifacetado da língua e fazê-lo

compreender que existem muitas formas de falar a mesma coisa. Entretanto, é importante salientar que o objetivo é apenas identificar as características próprias das variedades linguísticas, sem incentivar o debate e/ou reflexão.

Não pensamos que exista uma metodologia fixa, um ensino padrão para todas as escolas e para todas as aulas. Defendemos, diferentemente, o pressuposto de que o ensino-aprendizagem deve levar em consideração diversos fatores, dentro desses, o contexto em que cada aluno está inserido e o perfil de cada turma. A partir desses condicionantes, o docente pode elaborar seus planos de aula, seguindo não só documentos e normas, mas associando a prática pedagógica à realidade escolar.

Para as aulas de variação linguística do ensino médio, a BNCC apresenta uma proposta, na nossa visão, mais ampla, incentivando a reflexão sobre cada variante e instigando uma análise que contribua para a compreensão da predominância do ensino da norma-padrão nas aulas de português. Podemos perceber que no ensino médio, a preocupação pelo senso crítico é mais presente, é demonstrado um maior cuidado para que os alunos entendam o dinamismo da língua e sua pluralidade.

(EM13LP09) Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola. (BRASIL, 2018, p.507).

Outro ponto que consideramos muito importante encontra-se na habilidade (EM13LP10), que é o entendimento de que existem variantes que foram eleitas como “variante de prestígio”, enquanto outras são consideradas “estigmatizadas”. Em relação a isso, a Base incentiva não só a compreensão, mas também o respeito pela diversidade/variação linguística e promove o combate ao preconceito linguístico (BRASIL, 2018, p. 508).

Dentro de nossa breve análise e reflexão acerca da BNCC, percebemos que é um registro de suma importância para a educação, assim como também para o ensino de língua portuguesa. Acreditamos que alguns pontos podem ser revistos e melhorados, como a forma de abordar a variação linguística no que se refere a reflexões mais profundas sobre os aspectos sociais e econômicos que determinam o que é variação de prestígio e variação estigmatizada.

2.3.3 A importância do Livro Didático nas aulas de português: um olhar para a abordagem das variações linguísticas

Não é responsabilidade dos livros didáticos formarem professores competentes e aptos para exercerem seu ofício, apesar deles contribuírem para isto. O Livro Didático, doravante LD, é um meio de suporte que serve para facilitar tanto a vida do professor quanto a do aluno, devendo ser utilizado como uma ferramenta extra, algo além dos estudos gramaticais e análises de textos literários, deve ser utilizado para auxiliar no ensino-aprendizagem, não ser o único meio possível para isto, uma vez que, de fato não é, pois existem outras formas de se aprofundar nos assuntos e apresentá-los em sala de aula.

Não estamos com isso querendo diminuir a importância do livro didático, pois sabemos que, muitas vezes, esse é o único material disponível para o professor e acaba sendo seu principal material de consulta e mesmo uma forma de organizar seu ano letivo. Mas é importante, reconhecendo seu valor, compreender que o professor pode e deve desprender-se dele, pois é preciso conciliar as orientações dos manuais do professor, os PCN, a BNCC e as escolhas didáticas e metodológicas do professor. Se faz necessário um diálogo entre as diversas ferramentas de ensino. Conforme o PNLEM:

Longe de ser a única possibilidade de trabalho, o livro didático é um instrumento que, utilizado como complemento do projeto político pedagógico da escola, certamente contribuirá para promover a reflexão e a autonomia dos educandos, assegurando-lhes aprendizagem efetiva e contribuindo para fazer deles cidadãos participativos. [...] Em momento algum o livro será um substituto do professor ou de suas experiências pedagógicas, mas poderá ser um bom referencial para ampliar os trabalhos em sala de aula (BRASIL/SEMTEC, 2004, p. 7-8)

Nesse sentido, o LD deve ser considerado um produto em que o professor tem alternativas, podendo adequá-las a sua realidade de acordo com seus objetivos pedagógicos e, também, com os objetivos da escola e dos documentos orientadores que preconizam um trabalho de leitura, escrita e análise linguística em torno de diversificados gêneros textuais.

Para organizar ações pedagógicas voltadas para um ensino funcional, voltado para contextos determinados, é necessário que o professor nesse sentido, cerque-se de materiais e ferramentas que o auxiliem nesse caminho. O LD, nesse sentido, e nos referindo, agora, especificamente ao tema da variação, deve ser um material que dê suporte a um trabalho que revele ao aluno a heterogeneidade linguística, mostrando-lhe as semelhanças e diferenças que existem entre a modalidade oral e a modalidade escrita da língua.

Entretanto, sabemos que ainda é imperiosa a imposição do caráter monolíngue no LD e a ideia de que existe o registro certo e o registro errado da língua. Isso fica bastante evidente, quando observamos o tratamento que é dado às variações da língua, que quase sempre focam nos aspectos geográficos/regionais e no plano lexical, trabalhando como as palavras nas regiões podem ter variações “curiosas”. Faraco (2008), sobre isso, pontua que, de maneira estereotipada, o falar rural é contraposto ao falar urbano, muitas vezes, representado, o primeiro, pela figura de Chico Bento, como uma espécie de símbolo desse falar caipira.

Dessa forma, não é dada atenção às variações sociais, nem ao debate sobre como as questões econômicas estão diretamente envolvidas nas discussões sociovariacionistas, como falamos anteriormente. Da mesma forma, é propagado nos livros, ainda consoante Faraco (2008), a ideia de que temos dois tipos de português: um padrão e um culto. O primeiro, relacionado à gramática, e o segundo, relacionado aos grupos sociais privilegiados. Nesse pensamento, não existem as variações populares, e se as variações populares não existem, isso significa que seus falantes também não.

É importante que não percamos de vista que ensinar a língua portuguesa é mais do que apenas ler e escrever. Para que formemos pessoas letradas, é salutar que tenhamos uma compreensão ampla das variantes da língua, dos usos da linguagem, do pensamento crítico-reflexivo, das adequações necessárias às situações comunicativas. São muitos os fatores que englobam o ‘mundo da linguagem’ e compete ao docente mediar estas competências, para isto, ele mesmo deve ser letrado e orientado sobre esse tema, seja pelas instituições de ensino que o formaram, seja pelos documentos que regem a educação e o ensino da língua, seja pelo livro didático que tem em mãos.

É indiscutível a necessidade de uma abordagem mais reflexiva e dialógica sobre as variantes pelo LD, visto que este é um material muito válido para o ensino da língua, assim como um suporte tanto para o professor, que algumas vezes é guiado unicamente por este material, como também para o aluno que também tem nesse material sua principal fonte de informações sobre a língua.

Sabemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido entre a parceria professor-livro didático, mas diante de tantos diálogos e reflexões a respeito do ensino de língua materna e das teorias linguísticas, é importante que nos questionemos: de que forma os livros didáticos podem contribuir para aulas de língua portuguesa mais democráticas quanto ao acesso ao conhecimento sociovariacionista da língua?

Acreditamos que trabalhos como esse possam contribuir para dar essas respostas. Ao revelarmos possíveis lacunas ou pontos positivos que devem ser referenciados e destacados nos

livros didáticos que nos propusemos a analisar, pensamos colaborar para a compreensão da importância do debate sobre a variação, e sobre a relevância desse debate ser ampliado e apresentado nos materiais didáticos que são a principal ferramenta de trabalho do professor em sala.

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1 BREVE APRESENTAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

A coleção que escolhemos para analisar, *Novas Palavras* (2016), é uma coleção de livros didáticos destinados ao Ensino Médio. Estes materiais foram publicados pela editora FTD, que a partir de 2015 passou a ser conhecida como “FTD Educação”, por se considerar uma empresa muito parceira da educação. Emília Amaral, Ricardo Leite, Mauro Ferreira e Severino Antônio são os autores responsáveis por estas obras.

Os livros se dividem de acordo com as quatro (04) áreas da Língua Portuguesa: Literatura, Gramática, Leitura e Produção de texto. Para nós, a forma como estes foram divididos é bastante interessante, pois consideramos que, dessa forma, contemplem de forma satisfatória todos os campos que devem ser trabalhados nas aulas de Português.

O projeto gráfico-editorial é adequado à faixa etária dos alunos e aos níveis de escolaridade para os quais os livros se destinam. Todos os três são bem organizados, têm conteúdos bem diagramados, ilustrações adequadas e associadas a cada conteúdo, além de possuir uma linguagem formal (o que é comum por ser um documento da educação), mas clara, objetiva e acessível ao público discente.

De modo geral, do ponto de vista da diagramação, estes documentos possuem cores claras e pastosas, o que transmite uma sensação de leveza e suavidade, o que pode contribuir para o rendimento do aluno. As imagens/ ilustrações são organizadas de acordo com o campo de atuação. Na área da literatura, as imagens estão associadas ao contexto em que os conteúdos literários se associam a estas artes, por exemplo: para falar dos caminhos modernistas no Brasil, utilizam a imagem do *Abaporu* de Tarsila do Amaral. Percebemos que, no campo gramatical, para além das imagens, as tirinhas são as formas de ilustrações mais recorrentes.

Ainda no que se refere à diagramação, a forma como as imagens e o conteúdo textual são apresentados nos livros, não identificamos nenhum problema. As imagens, e os textos são bem divididos nas páginas, a fonte é adequada aos materiais, assim como também as margens, espaçamentos entre linhas e palavras, dimensão textual, etc.

De modo geral, os livros respeitam a mancha gráfica, exceto em alguns casos em que imagens se sobrepõem as margens. Como já foi dito, a forma como os conteúdos são apresentados, em relação a sua diagramação, acreditamos que foram de forma satisfatória. Como é comum nos livros didáticos, caixas de diálogos/curiosidades são bem recorrentes, o que pensamos ser um fator importante e que agrega mais conhecimentos. Os conteúdos que

possuem imagens, ilustrações ou fotos apresentam os dados da fonte e as datas, quando aparecem nos livros, são utilizadas para dialogar com os conteúdos apresentados.

3.2 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COLEÇÃO *NOVAS PALAVRAS* (2016) PARA O ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, analisaremos uma coleção de livros didáticos voltados para o Ensino Médio, a coleção *Novas Palavras* (2016). Nossa intenção é averiguar a forma como estes materiais abordam o tema da variação linguística, buscando observar quais gêneros textuais fomentam os debates sobre variação linguística, quais as atividades pensadas para a ampliação do conhecimento sobre os fenômenos sociovariacionistas e quais foram os temas focados no trabalho com os fatores internos e externos à língua que influenciam a variação. Os livros escolhidos foram publicados em 2016, pela editora FTD, para serem utilizados nos anos de 2018 a 2020.

A variação linguística é uma temática de muita importância nas aulas de português, por meio dela se faz possível a compreensão do dinamismo linguístico, da evolução da língua e das diferentes formas de uso da linguagem.

Iniciando nossa análise com o primeiro livro, destinado a turmas do 1º ano do ensino médio, observamos que o tema da variação foi abordado logo no primeiro capítulo, na área destinada aos trabalhos com a gramática da língua. Para abordar as variantes da língua, o Livro Didático para o 1º ano (que nomearemos como L1) versa sobre a *variedade culta formal* e a *variedade coloquial popular*, conceituando e exemplificando ambas variações.

Consideramos uma abordagem relativamente breve, entretanto, levanta de forma reflexiva um questionamento sobre o ‘porquê’ da gramática normativa ditar, por exemplo, como correta a construção: “os dois rolaram no chão”, enquanto considera incorreta a construção: “os dois rolô no chão”. Na medida em que o LD1 questiona sobre este conceito de correto e incorreto ditado pela gramática normativa, ele afirma que ambas construções expressam a mesma ideia, que é compreendida por qualquer falante da língua, sendo assim: por qual motivo a gramática normativa só aceita como certa a primeira construção exemplificada acima?

Nesse sentido, é importante lembrarmos as reflexões de Bortoni-Ricardo (2008) e Faraco (2008), por exemplo, que afirmam ser importante que a escola e os materiais utilizados nela levantem discussões sobre adequação e não sobre o certo e errado da língua. O LD1 acaba por afirmar que, embora ambas sentenças transmitam a mesma mensagem, cada uma é adequada a um determinado ambiente e contexto. Os alunos, assim, devem saber adequar suas

escolhas, avaliando se o ambiente pede o uso mais formal da língua, ou possibilita o uso mais descuidado e informal.

Mais adiante, neste mesmo capítulo, o LD1 apresenta um diálogo sobre os parâmetros e regras que determinam o que é língua culta formal e língua culta informal, associando a segunda aos gêneros textuais que são produzidos na escola e no ambiente jornalístico e artístico. Ou seja, conforme o LD1, embora a gramática normativa ainda prescreva como “corretas” algumas formas gramaticais, a exemplo dos pronomes apresentados na foto abaixo, nos contextos reais de comunicação, mesmo nos contextos mais formais, como uma aula ou um noticiário de rádio ou TV, o que é utilizado é a chamada “língua culta informal”, que acaba por se distanciar em muitos aspectos da “língua culta formal”, preconizada pela gramática normativa.

Achamos interessante a forma de apresentação desse debate e bastante pertinente que isso seja trazido às discussões escolares, mesmo que não tenha havido um aprofundamento desse tema. Da forma como é apresentado, o livro chama de “língua culta informal”, o que Faraco (2008) entende por norma culta da língua; e chama de “língua culta formal”, o que o autor entende por norma gramatical. Para o linguista, o falar culto, de maneira generalizada, apresenta discordâncias da norma padrão, principalmente, na oralidade, assim, não há uma “língua culta formal”, o que há é, de um lado, uma norma idealizada padrão e de outro lado uma norma que é culta, monitorada, mais próxima do falar normativo, mas não um espelho fiel dele.

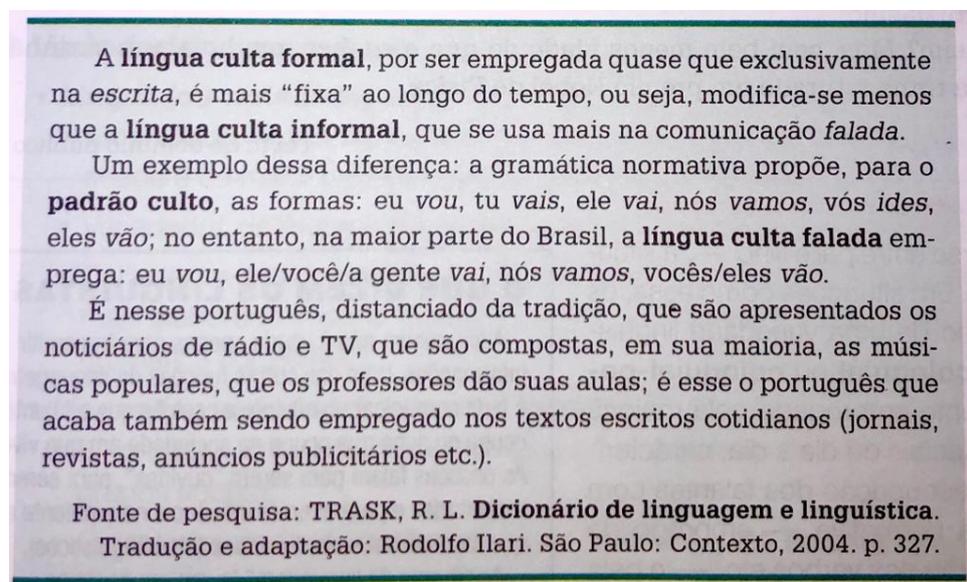


Figura 1. Excerto do debate sobre língua culta formal e língua culta informal.
Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 16

Ainda de acordo com o recorte acima, retirado do L1, podemos perceber que a língua culta formal ou norma padrão, por ser mais empregada à escrita, é mais estável e menos sujeita à mudança, se comparada à língua culta informal ou norma culta, que é mais utilizada na comunicação formal falada, sendo esta mais susceptível às mudanças linguísticas, mesmo que não tanto como a língua coloquial ou popular.

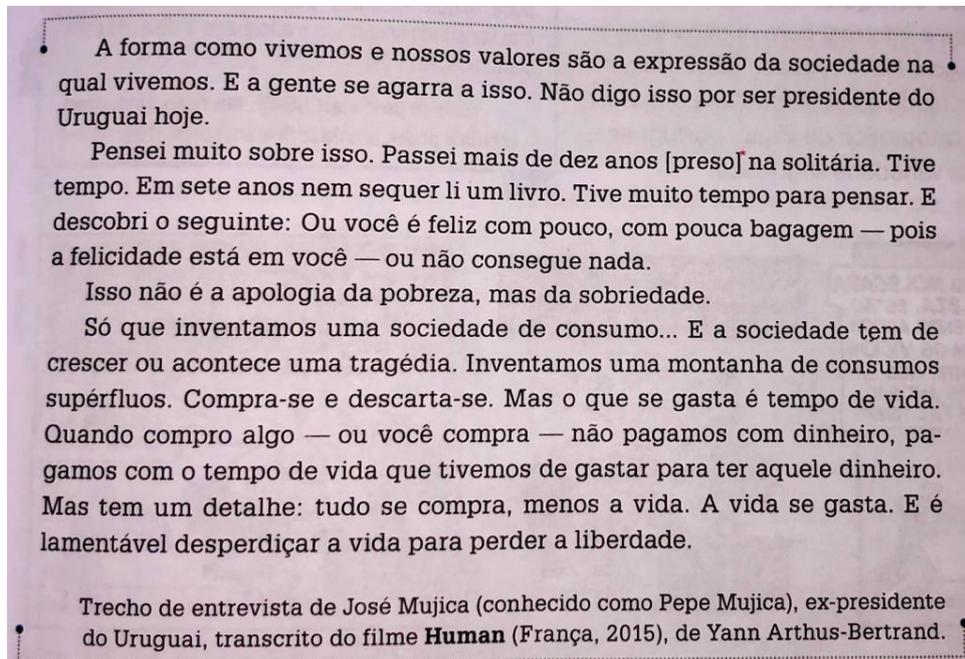


Figura 2. Trecho de entrevista de José Mujica.

Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 18

Os textos apresentados no livro servem para exemplificar falas mais prestigiadas e menos prestigiadas pela sociedade. Apresenta-se um recorte da fala do ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica, como podemos observar na imagem acima, para exemplificar o uso da variedade culta informal, uma vez que, por se tratar de um político, considera-se que este tenha um nível elevado de escolaridade, de influência política e social, e que logo, faz uso das normas urbanas de prestígio. Vale salientar que este recorte, da fala deste presidente, trata-se de uma tradução do espanhol para a variedade culta informal da língua portuguesa.

Como já dissemos anteriormente, o uso da língua se adéqua ao contexto, ao interlocutor, à intenção do discurso. Desse modo, existem falas mais monitoradas e mais preocupadas com uso das variantes cultas formais e informais da língua, são nestas falas que podemos perceber o quanto que estes falantes prezam pelo uso da gramática normativa e das variantes de “prestígio”. Por outro lado, existem falas que não são monitoradas e que não estão tão preocupadas com o uso da norma culta, como é o caso do exemplo a seguir, que foi retirado do L1, para

abordar a variedade coloquial.

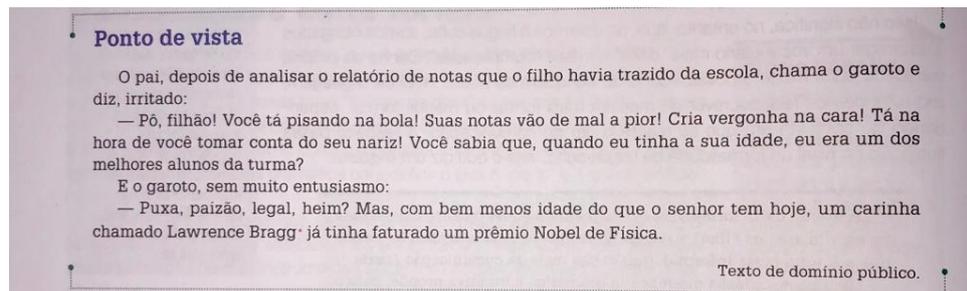


Figura 3. Texto utilizado para exemplificar a norma popular.
Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 25

Como podemos observar nesta imagem, uma conversa entre pai e filho acontece de forma natural e sem monitoramento da fala. Percebemos que ambos utilizam a linguagem coloquial popular, fazendo uso de expressões e gírias como “pô, filhão”, “pisando na bola” e “legal, heim?”. O manual aponta que a variação coloquial é utilizada para nos comunicarmos com nossos familiares, amigos, vizinhos e colegas.

O interesse desse excerto é que ele, possivelmente, se trata de um texto criado para simular a informalidade. Por isso, vemos alguns pontos mais informais, como gírias e algumas reduções, como no verbo “tá”, mas não vemos alguns fatos que marcam a oralidade informal “real”, como falta de concordância ou aparecimento de outros fenômenos fonológicos e morfossintáticos comuns à oralidade informal. Não estamos dizendo com isso, que toda oralidade informal é marcada por variações de inúmeras ordens, mas, se a norma popular tivesse sido apresentada de outra forma, como numa extração de uma conversa real do cotidiano, veríamos outras realizações linguísticas e isso poderia mostrar aos alunos que determinadas realizações são comuns aos contextos de informalidade, aos ambientes familiares e a situações contextuais de não-monitoramento.

Assim, observamos que nesse primeiro capítulo do livro didático analisado abordam-se de forma resumida as variações da língua relacionadas à variedade culta formal e informal e à variedade coloquial e popular. No entanto, entendemos que a forma de abordagem não direciona o professor à prática, não orienta sobre a maneira como ele deverá abordar o conteúdo e não discute a importância da temática para compreensão do aluno em relação à pluralidade da língua. Pensamos que seria interessante que o livro orientasse o professor a falar que uma variante não é melhor ou pior que a outra, mas que o falante pode se apropriar da língua de acordo com o contexto, intenção do discurso, entre outros fatores.

No segundo capítulo, intitulado “Noções de variações linguísticas”, o livro fala sobre a

variação sociocultural, a variação situacional, a variação histórica e a variação geográfica, ou seja, foca nos fatores externos à língua que condicionam a variação. Na introdução deste capítulo, o texto aponta que, como foi mostrado no capítulo anterior, apesar de todos os falantes da língua conhecerem as regras gerais do funcionamento desta, isso não implica dizer que todos usem o português de maneira estritamente homogênea e isso ocorre devido a alguns fatores condicionadores da variação, como idade, sexo, grau de escolaridade, contexto de comunicação, época, classe social, entre outros fatores.

Tipo	Aspecto a que se relaciona
Variação sociocultural	Grau de escolaridade, gênero, idade, profissão, condições econômicas do falante e grupo social do qual ele faz parte.
Variação situacional	Situação particular, específica, em que o falante utiliza a linguagem.
Variação histórica	Tempo (época) em que o falante vive.
Variação geográfica	Região em que o falante vive.

Figura 4. Fatores externos à língua condicionadores da variação.

Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 32

Como podemos observar na imagem acima, o livro mostra de forma bem resumida os quatro tipos de variação e os aspectos relacionados a cada um deles. A seção “para que saber”, deste manual, informa que é importante ter conhecimento de que a língua possui variações, pois permite que o falante se comunique de forma mais eficiente e adequada ao “falar/ouvir” e ao “escrever/ler”. Esse conhecimento, segundo o texto, também é necessário para que o preconceito linguístico seja superado e todos os falantes da língua possam conhecer e respeitar o “modo de falar” de cada um.

Para falar sobre a variação linguística sociocultural, o livro apresenta um texto do escritor e jornalista, Cornélio Pires. Observemos o texto a seguir:

Só os óio

Ao regressar de Mineiros, em Goiás, [...] perdemos a hora de atravessar o Rio dos Bois.

Não houve rogos nem promessas que demovessem o balseiro de sua resolução. Eram mais de seis horas e não daria passagem. Tocamos rastro atrás cinco léguas e fomos pedir pouso em casa de um sertanejo pobre, casa de pau a pique [...].

Estávamos em julho e o frio era intenso.

Ao pedir o pouso, o caipira perguntou:

- Vacê trôxe rede?
- Não.
- Curchuádo?
- Também não.
- E cuberta?
- Também não trouxe.
- Aãã... Intãoce vacê, de durmi, só trôxe os óio?

PIRES, Cornélio. **Patacoadas**: anedotas: simplicidade e astúcias de caipiras. Itu: Ottoni, 2002. p. 71. (Conversa caipira).

Cornélio Pires (1884-1958)

Foi um jornalista e escritor que se dedicou a pesquisar, registrar e divulgar a cultura sertaneja e o modo de vida do caipira. Sua atuação contribuiu decisivamente para que a música caipira chegasse aos discos e, posteriormente, às rádios de todo o país.

Figura 5. Exemplificação da variação sociocultural.
 Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 33

Como podemos perceber no texto “Só os óio”, o escritor faz uso de uma linguagem específica, característica de um grupo social, no caso a variação do povo sertanejo. Identificamos palavras no texto que são marcas evidentes da variação sociocultural que, por sua vez, está condicionada a fatores econômicos, grau de escolaridade, região etc. Entre os vocábulos, destacamos: “curchuádo”, “trôxe”, “cuberta”, “intãoce”, “vacê”, “durmi”, “óio”, termos que são escritos de determinada forma para representar fenômenos da oralidade, como monotongações e dissimilações do “o” para “u”, comuns ao falar popular.

De acordo com Castilho (2010), “[...] quem pratica o português popular não “fala errado” - apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não “fala certo”, de novo, apenas se serve da variedade correspondente ao seu nível sociocultural. [...]”. Esta reflexão feita por Castilho (2010) é muito importante, para que o professor, a escola, a sociedade e principalmente o aluno entendam que não existe uma modalidade certa e outra errada, cada qual se comunica conforme a variante que tem mais familiaridade, por forças da situação de comunicação ou pelas condições sociais e econômicas que tem. Por isso mesmo, é importante reforçar a ideia da importância da aquisição da norma culta, norma essa que a escola tem a obrigação de ensinar e que pode proporcionar ao aluno galgar determinados posicionamentos sociais, mas sempre respeitando todas as normas existentes numa sociedade de fala.

Para tratar da variação situacional, o LD1 apresenta dois exemplos que explanam a mesma temática, mas se adequando ao contexto de comunicação. No primeiro exemplo, em um tribunal, um advogado apresenta o seguinte a respeito da fala da testemunha: “_Senhoras e senhores, aceitemos a verdade: a testemunha nada acrescentou aos fatos já conhecidos por todos.” Como podemos observar, neste registro, o advogado se empoderou de uma linguagem

mais formal, adequada ao contexto formal da comunicação.

No segundo exemplo, em um barzinho, conversando com seus amigos, o advogado faz a seguinte explanação: “_Caras, vamos cair na real: a testemunha só enrolou.”. Neste caso, por se tratar de uma situação informal, na qual ele não precisa monitorar a sua fala, ele utiliza a variante popular da língua, adequada ao contexto do discurso. Após os exemplos, o livro informa que essas formas diferentes de uso da língua por um mesmo falante, em situações diferentes da comunicação, referem-se à variação situacional.

Algo que pudemos identificar ao analisar este manual é que, para apresentar as variações, ele não conceitua apenas, mas traz textos para exemplificar. Para abordar a variação histórica, são apresentados textos antigos, com registros próprios da língua na época em que foram produzidos, assim como também são apresentados textos atualizados. Para uma melhor compreensão do que foi dito, observemos as imagens a seguir que foram extraídas do LD:

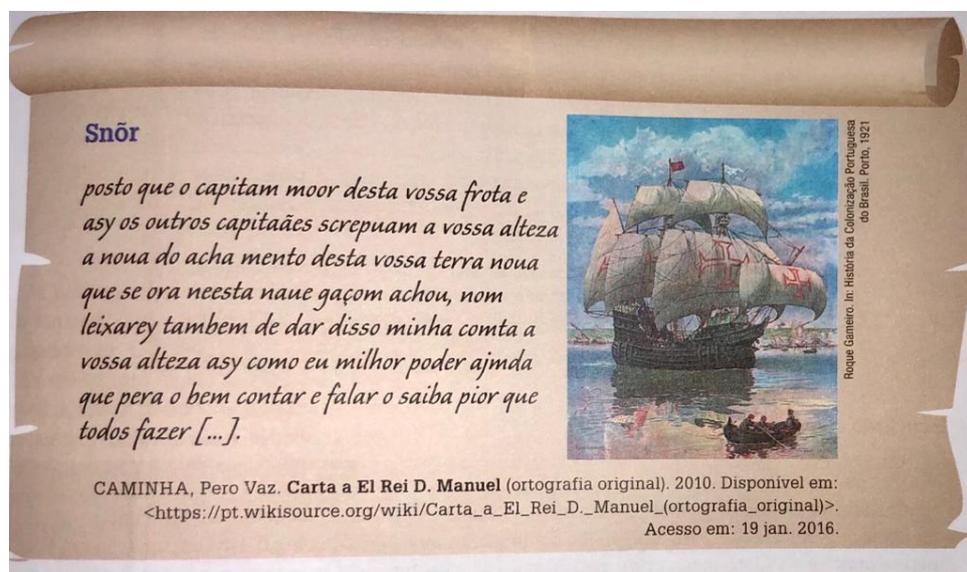


Figura 6. Exemplificação da variação histórica.

Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 35

Ao trazer este registro da carta de Pero Vaz de Caminha, é feita a seguinte indagação: “E então, conseguiu ler?”. Em seguida, informa-se que, apesar da estranheza à grafia, era desta maneira que a escrita era realizada nos anos de 1500, quando Caminha produziu a carta para Portugal relatando o que havia acontecido com a chegada dos portugueses ao Brasil.

Senhor

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

Figura 7. Versão atualizada da carta de Caminha.
 Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 36

Esta imagem (figura 7) é uma versão atualizada da carta de Caminha, que nos é apresentada com a finalidade de comparar o texto, para que percebamos que, de 1500 até os anos atuais, a língua como é de costume e algo natural a ela, foi se modificando durante o decorrer do tempo. O manual informa que estes textos servem para demonstrar que a língua não é estática, imutável. Pelo contrário, ela se modifica no decorrer do tempo e conforme o uso dessas alterações que ocorrem no plano fonológico, morfossintático e semântico é o que conhecemos por variação histórica.

A quarta e última variação apresentada no LD1 analisado é a variação geográfica. Como de costume, o livro apresenta exemplos que facilitam o entendimento do assunto:

A variação geográfica

Veja as palavras destacadas nestes trechos de textos:

E o coração vazio
 Voa vadio
 Como uma **pipa** no ar.

CHAVES, Xico; JUCA FILHO; NUCCI, Cláudio; RENATO, Zé.
 Quem tem a viola. Intérprete: Boca Livre. In: BOCA LIVRE.
 Songboca: ao vivo. [Rio de Janeiro]: Velas, 1994. Faixa 14.

[...] O céu povoado de inquietas **pandorgas**. Outros meninos erguem-nas, o dia inteiro [...]

LINS, Osman. **Nove, novena**: narrativas. 4. ed.
 São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 38.



Soltando Pipa IV (2005), do artista plástico Ivan Cruz (1947-).

Figura 8. Exemplificação da variação geográfica.
 Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 1º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 37

Podemos observar na imagem acima que nos são apresentadas duas variantes linguísticas de um mesmo brinquedo: “pipa” e “pandorgas”. O livro informa que estas variantes

também são conhecidas como: papagaio, tapioca, arraia, maranhão ou quadrado. O texto também explica que o nome do objeto muda de acordo com a região, de um lugar para o outro, que isso ocorre até no mesmo país. São essas diferenças na língua que conhecemos por variação geográfica.

A forma como o LD1 analisado aborda as variações linguísticas, apesar dos exemplos, não incentiva a reflexão ou questionamento dos usos de cada variante. Mostrar exemplos e conceituar já é algo padrão no ensino da língua. Entretanto, pensamos ser interessante não apenas a explanação do conteúdo, mas também a promoção de um ensino no qual se tenha espaço para refletir criticamente sobre: “por que a língua muda no decorrer do tempo?”, “por que algumas variantes são mais aceitas do que outras?”, “qual a intenção de adequarmos a nossa forma de falar?”, “qual a importância de conhecermos as variantes e de que forma elas podem nos ajudar no campo comunicativo?”, entre outras reflexões possíveis, pois o tema da variação suscita muito debate e exige uma ampliação de espaço dedicado a ele.

Com relação ao segundo livro didático analisado, que chamaremos LD2, pudemos constatar que a variação linguística não foi um dos assuntos trabalhados, embora, em alguns momentos, tenha sido mencionada para exemplificar a concordância verbal utilizada com os pronomes “tu” e “você”, numa seção que trata especificamente sobre a classe de palavras em questão.

Na medida em que se exemplifica o uso destes pronomes e a forma como o verbo relaciona-se com estes, demonstra-se o uso da variedade culta e a variedade coloquial – popular. O livro pede que se faça uma comparação entre as semelhanças e as diferenças no uso das formas da variedade culta e da variedade coloquial – popular. Dentro das atividades propostas, as relações estabelecidas com as variações linguísticas são trazidas para trabalhar a concordância verbal e o uso dos pronomes, associando-os a cada respectiva variante.

Também identificamos uma reflexão acerca da mutabilidade da língua e, conseqüentemente, seu caráter evolutivo, ou seja, são mencionados, de alguma forma, os aspectos que definem a variação histórica. A imagem 9 retrata o que falamos sobre as variantes relacionadas aos pronomes, enquanto que a imagem 10 mostra a reflexão relacionada à evolução da língua.

1ª pessoa	do singular	eu, me, mim, comigo
	do plural	nós, nos, conosco
2ª pessoa	do singular	tu, te, ti, contigo você, o/a, se, si, consigo, lhe
	do plural	vós, vos, convosco vocês, os/as, se, si, consigo, lhes
3ª pessoa	do singular	ele/ela, o/a, se, si, consigo, lhe
	do plural	eles/elas, os/as, se, si, consigo, lhes

Figura 9. Quadro dos pronomes pessoais dos casos reto e oblíquo.

Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 2º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 64

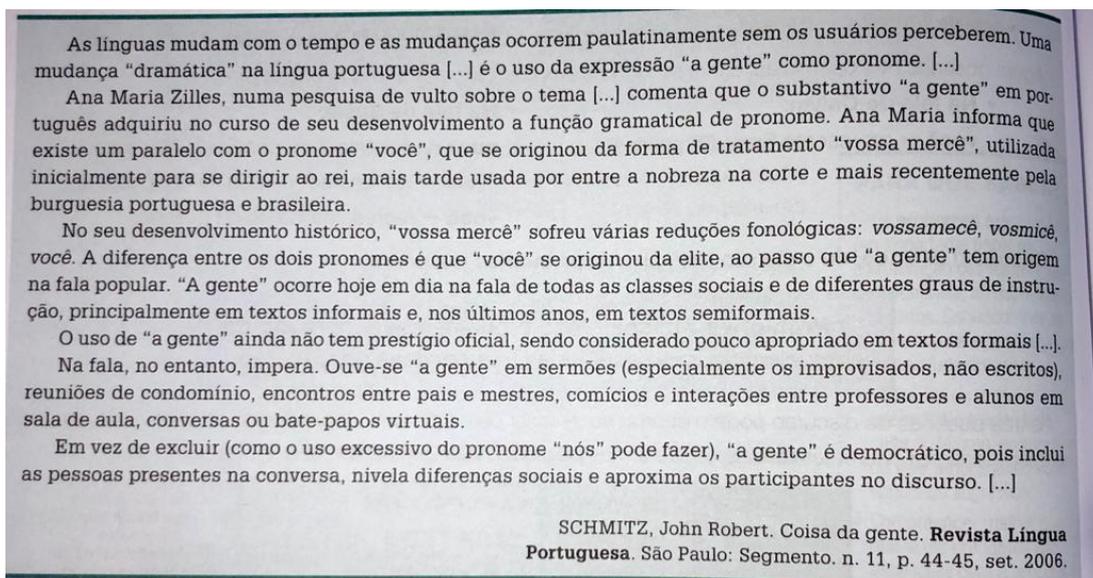


Figura 10. Discussão sobre pronomes e evolução da língua.

Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 2º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 66

Como podemos observar, este texto discute sobre a evolução da língua, que acontece sem que os falantes percebam. No texto, é apresentada a expressão “a gente” para mostrar que durante o decorrer dos anos, essa expressão passou a ser utilizada na língua em textos/falas mais informais e, até mesmo, em situações mais formais, no lugar do pronome “nós”. Também faz menção ao pronome “você” que teve origem em uma forma de tratamento de “vossa mercê”. Embora ambas formas sejam bastante utilizadas, o texto informa que a variante “a gente” não tem o mesmo prestígio que a variante “você”, pois a primeira se originou da fala popular, enquanto a segunda vem de uma forma de tratamento destinada a priori aos reis.

	Pronome pessoal reto (função de sujeito)	Pronome pessoal oblíquo (função de complemento)	
		Grupo 1 (não precedidos de preposição)	Grupo 2 (precedidos de preposição)
Singular	eu	me	mim, comigo
	tu	te	ti, contigo
	você	você, se, o/a, lhe	você, si, consigo
	ele/ela	se, o/a, lhe	si, ele/ela, consigo
Plural	nós	nos	nós, conosco
	vós	vos	vós, convosco
	vocês	vocês, se, os/as, lhes	vocês, si, consigo
	eles/elas	se, os/as, lhes	si, eles/elas, consigo

Figura 11. Quadro dos pronomes pessoais dos casos reto e oblíquo.
Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 2º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 67

Na imagem 11, constatamos que tanto “você” quanto “vocês” são apresentados como pronomes dos casos reto e oblíquo, compondo com outros pronomes o quadro dos pronomes retos, singular e plural, e oblíquos, singular e plural. Contudo, também constatamos que a variante “a gente” não se encontra no quadro dos pronomes, o que nos faz refletir sobre a sua aceitabilidade e questionarmos: se é uma variante bastante utilizada pelos falantes de maior ou menor prestígio social, e levando em consideração o caráter mutável da língua: por que a gramática ainda não reconhece a variante “a gente” como uma variação do pronome “nós”?

Fazendo uma breve explanação sobre o uso da língua, ainda neste capítulo que trata da classe de palavras “pronomes”, é questionado se realmente existem diferenças entre a língua falada e a língua escrita. Com a finalidade de responder a esta indagação, é utilizada a fala do linguista Marcos Bagno, como podemos observar na imagem a seguir.

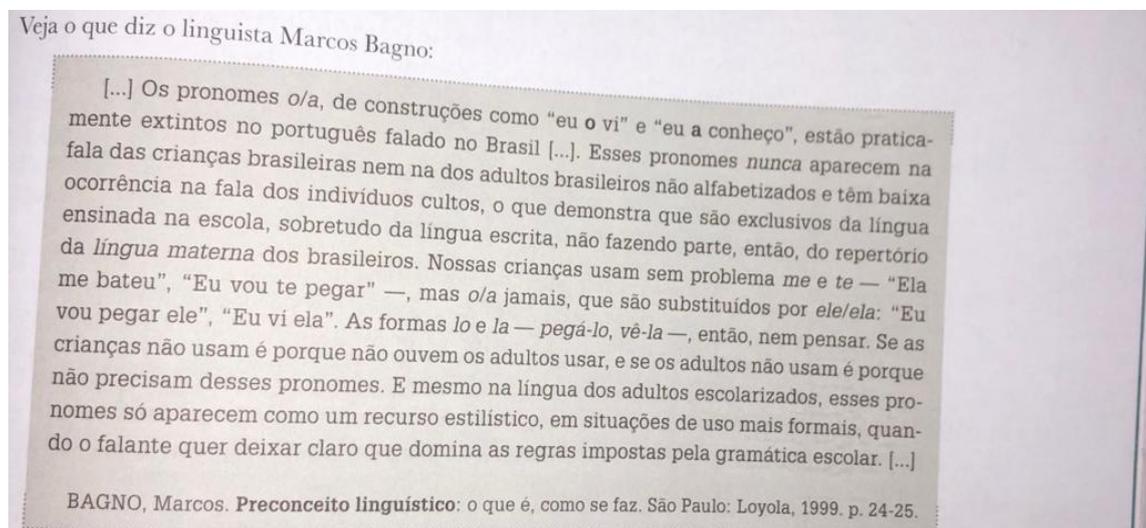


Figura 12. Discussão sobre os pronomes oblíquos *o/a* e as formas *lo/la*.
Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 2º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 69

Embora tenhamos nos dedicado e nos esforçado na análise do segundo livro didático, folheando página por página do material, várias vezes, na intenção de encontrarmos algo relacionado às variações linguísticas (mesmo sabendo que não estava dentro dos tópicos sumarizados), pouco encontramos sobre esta temática. As menções feitas a este conteúdo, foram apenas relacionadas à variação histórica, em uma breve reflexão sobre o caráter evolutivo da língua, e em outro momento a variação culta formal e a variação coloquial – popular, como meio de explicar o uso dos pronomes e suas respectivas concordâncias verbais, como explicamos.

Apesar de sabermos a importância das variações linguísticas para o estudo da língua e compreensão da heterogeneidade linguística, esse tema ainda foi pouco abordado dentro destes livros analisados. Isso faz com que reflitamos sobre o que já foi dito anteriormente neste trabalho, quando dissemos que as variações, quando são abordadas, são apenas superficialmente, apenas para “obedecer” as exigências dos documentos orientadores do ensino de português.

Mesmo assim, é importante destacar que, se comparado a décadas atrás, temos um avanço quanto aos temas tratados. No LD 1, para além da apresentação dos tipos de variação, o livro oferece uma reflexão sobre adequação linguística e sobre as diferenças entre o falar informal e o formal. Quando pensamos que antes, a variação linguística costumava ser abordada apenas como algo “curioso”, relacionada sempre à variação regional e lexical, ou seja, à apresentação de termos diferentes que indicam a mesma coisa, a exemplo de macaxeira e aipim, podemos dizer que houve uma evolução, embora ainda insuficiente.

No terceiro livro didático da coleção analisada, a qual chamaremos LD3, destinado a turmas do 3º ano do ensino médio, no que se refere à gramática da língua, a ênfase dada é para: orações subordinadas, período composto, concordância, regência e colocação pronominal. A variação linguística não é o foco desse livro, embora seja abordada em alguns tópicos relacionados à regência verbal, quando são apresentadas as formas mais coloquiais e as formas mais monitoradas, usadas principalmente na escrita.

1. Assistir

Esse verbo é mais comumente empregado no sentido de “*ver, presenciar, atuar como espectador*”. Observe as diferenças de usos nas frases de cada par de exemplos, atentando para a ausência/presença da preposição “*a*”.

- Poucos torcedores *assistiram* o jogo. ↔ Poucos torcedores *assistiram a*o jogo.
variedade coloquial ↔ variedade culta
- O filme que *assisti* é muito bom! ↔ O filme *a* que *assisti* é muito bom!
variedade coloquial ↔ variedade culta
- Quem vai *assistir* as aulas hoje? ↔ Quem vai *assistir a*s aulas hoje?
variedade coloquial ↔ variedade culta

Esses exemplos levam-nos à seguinte conclusão:

Verbo assistir (significando “ver, presenciar”)	
Na variedade coloquial	Na variedade culta
É verbo transitivo direto (VTD); apresenta <i>objeto direto</i> . Assim: • <i>assistir</i> [alguma coisa].	É verbo transitivo indireto (VTI); apresenta <i>objeto indireto</i> iniciado pela preposição <i>a</i> . Assim: • <i>assistir a</i> [alguma coisa].

Figura 13. O verbo *assistir* e seu emprego em contextos formais e informais.
 Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 3º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 81

2. Ir/chegar

Esses dois verbos são **intransitivos**; não apresentam objeto, e sim *adjunto adverbial de lugar*. Compare seus usos nas variedades coloquial e culta nestes exemplos, observando as preposições destacadas.

- No domingo, *iremos em* uma festa. ↔ No domingo, *iremos a* uma festa.
variedade coloquial ↔ variedade culta
- Os funcionários *chegam cedo no* escritório. ↔ Os funcionários *chegam cedo ao* escritório.
variedade coloquial ↔ variedade culta

Então:

Verbos ir/chegar	
Na variedade coloquial	Na variedade culta
Apresentam a preposição <i>em</i> iniciando o <i>adjunto adverbial de lugar</i> . Assim: • <i>ir em</i> [algum lugar]; • <i>chegar em</i> [algum lugar].	Apresentam a preposição <i>a</i> iniciando o <i>adjunto adverbial de lugar</i> . Assim: • <i>ir a</i> [algum lugar]; • <i>chegar a</i> [algum lugar].

Figura 14. Os verbos *ir* e *chegar* e seus empregos em contextos formais e informais.
 Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 3º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 82

Mais uma vez, observamos que há um problema com a apresentação dos conceitos “variedade culta” e “variedade coloquial”. Os verbos são apresentados em sua transitividade, e há uma explicação sobre como essa transitividade varia a depender dos usos: formais ou informais. Contudo, observamos que, como já dissemos anteriormente, verbos como *assistir* e *ir*, mesmo em contexto formais, e em situações monitoradas, são utilizados, na oralidade, de forma diferente que na escrita. Na oralidade formal e informal é mais comum a utilização do verbo *assistir* como verbo transitivo direto, o que não deve ocorrer na modalidade escrita, em que a preposição é exigida quando se refere a “atuar como espectador”. Os verbos *ir* e *chegar*, por sua vez, apresentam-se na modalidade oral, antepostos a preposição *em*, enquanto que, na modalidade escrita, devemos utilizar a preposição *a*.

No livro, essas variações aparecem como atreladas aos contextos situacionais: se no

contexto formal, o uso normativo, se no contexto informal, o uso mais popular. Acreditamos, porém, que essas variações se relacionam mais às modalidades oral e escrita da língua e menos ao nível de monitoramento exigido nos contextos de produção.

Em outro tópico do livro, a variação linguística também aparece, só que, dessa vez, para explicar o conceito da “hipercorreção” dado pela gramática que, de acordo com o livro, ocorre quando o emissor tenta adequar o enunciado à variedade culta formal, mas, por excesso de zelo, acaba ocorrendo em desvio da gramática normativa.

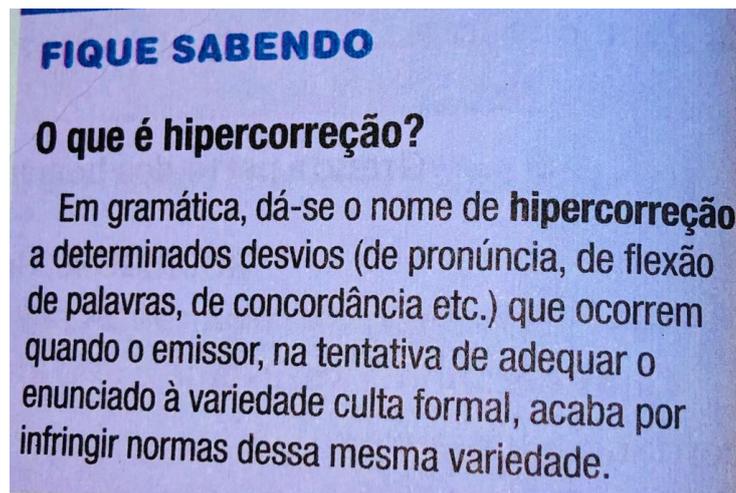


Figura 14. O conceito de hipercorreção.

Fonte: AMARAL, Emília [et. al.] Novas palavras. 3º ano. São Paulo: FTD, 2016. p. 90

Observamos, assim, que o tema da variação linguística foi mais explorado no primeiro livro, quando os tipos de variação foram apresentados e exemplos foram trazidos para melhor explicar cada conceito. Foi no LD1, também, que vimos as maiores reflexões sobre a importância de se conhecer o tema e sobre a necessidade de nos adequarmos, como falante, a situações mais monitoradas e menos monitoradas, fazendo adaptações necessárias às diferentes modalidades.

Nos livros LD 2 e LD3, diferentemente, pincela-se sobre o tema, quando o foco é dado a aspectos gramaticais específicos, como uso de pronomes e a transitividade de alguns verbos, mas tudo acaba por limitar-se a essas poucas discussões.

Como compreendemos que a variação linguística está em todas as articulações da língua: fonológica, morfossintática e léxico-semântica, entendemos que o tema deve permear a maioria das discussões gramaticais e não apenas aquelas que a apresentam como uma “especificidade” da língua. Ao estudarmos sobre os sons da língua portuguesa, na universidade, observamos que as variações fazem parte de todos os sotaques, de cada região e esses

fenômenos acabam por influenciar a escrita. Quando estudamos morfologia e sintaxe, embora aprendamos sobre as regras que ditam o sistema, também compreendemos que, a oralidade acaba por ser regida por outras regras de uso.

Essas discussões também precisam estar na escola de maneira mais contundente, pois a variação faz parte do próprio curso e formação da língua. Entender sobre regras gramaticais que formam as palavras e as orações é, também, entender o percurso histórico que fez a língua se transformar e ser o que é, esse sistema maleável, sujeito às transformações decorrentes, principalmente, do uso coloquial que os falantes fazem ao se comunicarem todos os dias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término deste trabalho de conclusão de curso, com o tema: “Análise das variações linguísticas nos livros didáticos de Língua Portuguesa”, conclui-se que os estudos variacionistas nos livros didáticos ainda têm muito que evoluir. É preciso que o PNLD, assim como o Ministério da Educação, se atente para a importância desta temática nos livros de português, para que assim, o ensino de língua englobe de fato todos os fatores linguísticos e extralinguísticos que envolvem os fenômenos da linguagem. Devemos, também, nesse sentido, e como professores, estar atentos às novas formas de ensino, nos atualizando, sem ficarmos presos aos livros didáticos, mesmo sabendo que este desempenha um papel importantíssimo na educação.

Como vimos ao longo deste trabalho, a escola deve ser o lugar de promoção do conhecimento, deve ser o lugar onde o senso crítico deve ser acionado. Entendemos que o Livro Didático desempenha um papel deveras importante para a escola (todos que a compõem), o que implica dizer que este possui uma grande responsabilidade no ensino da língua, e para nós, não tem como pensar em língua, sem pensar em seu caráter heterogêneo, mutável e social.

A língua para nós está diretamente ligada à sociedade, aos diferentes povos, às diferentes culturas, às diferentes classes sociais. Portanto, é preciso que pensemos um ensino de língua que leve em consideração que todo falante tem um conhecimento sobre sua língua e traz esse conhecimento para a escola. Assim, professores e livros didáticos desempenham um papel de mediadores de outros conhecimentos que devem fomentar, entre outras coisas, a reflexão da mutabilidade linguística e das diferentes formas de falar o mesmo idioma.

Em resposta a esta problemática: “Como os Livros Didáticos de Língua Portuguesa abordam as variações linguísticas? Se trata de uma abordagem apenas prescritiva, ou promovem um ensino crítico-reflexivo acerca das variantes da língua?”, não podemos generalizar, responder por todos os livros, visto que analisamos apenas três exemplares de livros didáticos de português. O que podemos constatar, com base nesta breve análise é que, dos três materias, apenas o primeiro livro destinado ao primeiro ano do ensino médio aborda o tema da variação linguística de maneira um pouco mais ampla, conceituando e dando exemplos de como as variantes ocorrem de acordo com cada variação.

No segundo e terceiro livros, das poucas vezes que as variações apareceram, serviram de instrumento para responder e exemplificar dados conteúdos gramaticais, mas sem aprofundar a questão proposta. Não identificamos em nenhum momento deste trabalho, durante a análise destes livros, a preocupação em promover debates, rodas de conversas, ou outras

formas efetivas de estudar criticamente as variações linguísticas, não identificamos reflexões feitas sobre esta temática. Então, desse modo, entendemos que a variação linguística foi apenas mais um dos conteúdos abordados, sem esforço para compreender a importância desse tema para a própria constituição do sistema linguístico.

Concluimos pois que, os estudos da sociolinguística variacionista, no âmbito educacional, apesar dos esforços e trabalhos envolvendo esta problemática ainda têm muito que ser desenvolvidos. Nossa intenção é que, mediante este trabalho, possamos contribuir com esse debate e reforçar a ideia que a implementação de uma sociolinguística educacional nas escolas deve ocorrer de forma mais ampliada, como forma não apenas de incentivar o conhecimento sobre os aspectos heterogêneos da língua, mas mesmo como uma maneira de diminuir os preconceitos linguísticos que pairam todos os ambientes, inclusive, a escola.

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília. **Novas palavras** 1°. Ano. 3. ed. - São Paulo: FTD, 2016.

_____. **Novas palavras** 2°. Ano. 3. ed. - São Paulo: FTD, 2016.

_____. **Novas palavras** 3°. Ano. 3. ed. - São Paulo: FTD, 2016.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim** – em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

BORTONI, Ricardo. STELLA, Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S.. **Sociolinguística**. in: MARTELLOTA (org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2012.

DIONÍSIO, Ângela P.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rev. e atual: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio & CIAVATTA, Maria (orgs.). **Ensino médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília, MEC/SEMTEC, 2004.

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa** /Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, ([1972]2008).

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Em Aberto, n. 69, p. 2-9, 1996.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala**. Um Estudo Sociolingüístico do Diálogo Literário. 9. ed. São Paulo : Nacional, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cezar de Freitas. - 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.